

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. I

JUNHO DE 1895

N.º 6

«Cidade velha» de Monte-Cordova

Estas ruínas, a que allude *O Archeologo Português* (I, 12-13), são as mesmas de que falla Argote (*Memorias*, II, 465-67), servindo-se das informações de uma testemunha ocular, que viu mais do que eu podia ver, quando ha 15 annos as visitei. Não acho por isso nada melhor do que reproduzir a descripção do Contador, fazendo-lhe algumas observações que julgo necessarias, e accrescentando algumas poucas notícias, que recolhi de outras fontes.

«766. Nos limites das freguesias de S. Perofins, e de S. João de Eirós, meya legoa dos rios Ave, e Vizella, para a parte do Meyo dia, está hum monte bastantemente levantado, a que aquelles povos chamão de S. Romão, por causa de huma Capella deste glorioso Santo, que alli esteve, de que se vem ainda ruínas. Corre este monte de Norte a Sul, e se levanta em forma, que se descobre delle muito Paiz. No mais alto faz uma planicie, que declina para a parte do Norte, aonde esteve situada uma antiquissima Cidade, a que chamam actualmente Cidade velha. Era cercada de hum bom muro, que terá meyo quarto de legoa em roda, e tinha de largo sete palmos, e existe ainda hoje em altura de hum covado; dentro se divisão as ruínas das casas, que erão pequenas, e se divisão outrosim as ruas, que erão estreitas, e ladrilhadas. Ao meyo da mesma Povoação se levantava em mais altura hum cabeço do monte, que está cercado de outro segundo muro da mesma grossura, que o primeiro, e neste cabeço se divisão algumas casas mayores, e alguns Castellos de esquadria em forma orbicular.»

Aqui só ha a notar os «Castellos de fórmula orbicular». São sem duvida casas redondas, como as de Sabrosa, Citania, etc.; tambem

como na Citania estão ellas a par de casas quadradas, conformê pude verificar sem custo numa pequena exploração, feita por Manoel Marinho, da casa de Roriz, em que ficou bem a descoberto uma rua com as respectivas construcções. Ladrilho da rua, fórma e apparelho das casas, é tudo exactamente o mesmo que nas estações nomeadas.

«767. Por fóra do limite da Cidade se vem algumas trincheiras, assim para a parte do Norte, como do Sul, em distancia de dous tiros de pedra. Em um valle alli perto se descobrio huma grande cova, que estava tapada com uma grande pedra redonda, a qual tem no alto um orificio quadrado, e na parte inférior tinha outro, guarnecido com hum cordão. A cova é fechada de abobeda, e feita de boa esquadria, e continua para dentro sem se lhe descobrir fim. Na mesma parte se ve hum grande lagedo, e no meyo d'elle um grande buraco redondo, por onde cabe huma bola de jogo, e desce com tanta profundidade, que nem pela estimativa se lhe percebe o fundo.»

Pela indicação do «grande lagedo com um grande buraco redondo», de profundidade insondavel, vejo que o «valle», onde se encontravam estas curiosidades, estava muito proximo das muralhas. O grande lagedo com o seu buraco ainda existe, mas não por vontade dos cyprianistas. É alli que elles farejaram os melhores thesouros aferrolhados pelos Mouros, e, como os exorcismos tem sido pouco efficazes para os desencantar, já recorreram á polvora, sem grandes resultados por enquanto. O penedo é rijo. Não por baixo mas por cima d'elle estive uma verdadeira preciosidade, se é certo, como me asseveram, ter assentado alli a estátua, de que falla outro informador de Argote «a estatua de pedra de huma mulher com huma roca na cinta, que ha pouco tempo se quebrou, por se entender ser figura d'algum Idolo, como na realidade devia ser». A estátua andou depois aos tombos pelo monte, até que um proprietario das immediações a levou para casa. Fiquei um pouco surprehendido, quando, mandando-lh'a pedir por um amigo seu, soube que, para a descobrir, era necessario desmorronar uma parede. Tinha sido atirada para os alicerces de um sucalco. Consegui que o sucalco fosse desmorronado num ponto, onde um pedreiro, collaborador da obra, indicava o esconderijo do idolo. Nada porém appareceu, nem ahi, nem noutra demolição mais extensa effectuada pelo proprietario, desejoso de servir o seu amigo. E assim vae tudo.

Da «cova fechada abobadada e tapada pela grande pedra redonda» ninguem me soube dar noticias. É de crer que exista; mas, para a

procurar, era preciso gastar paciência e dinheiro—duas cousas que é raro ver juntas ao serviço da archeologia.

Continúa Argote:

«768. Para a parte do Nascente das ruínas da Povoação sobre dita, a tres para quatro tiros de espingarda de distancia, está um penedo redondo, e nelle para a parte do Nascente gravada esta Inscrição:

COS·NE Æ

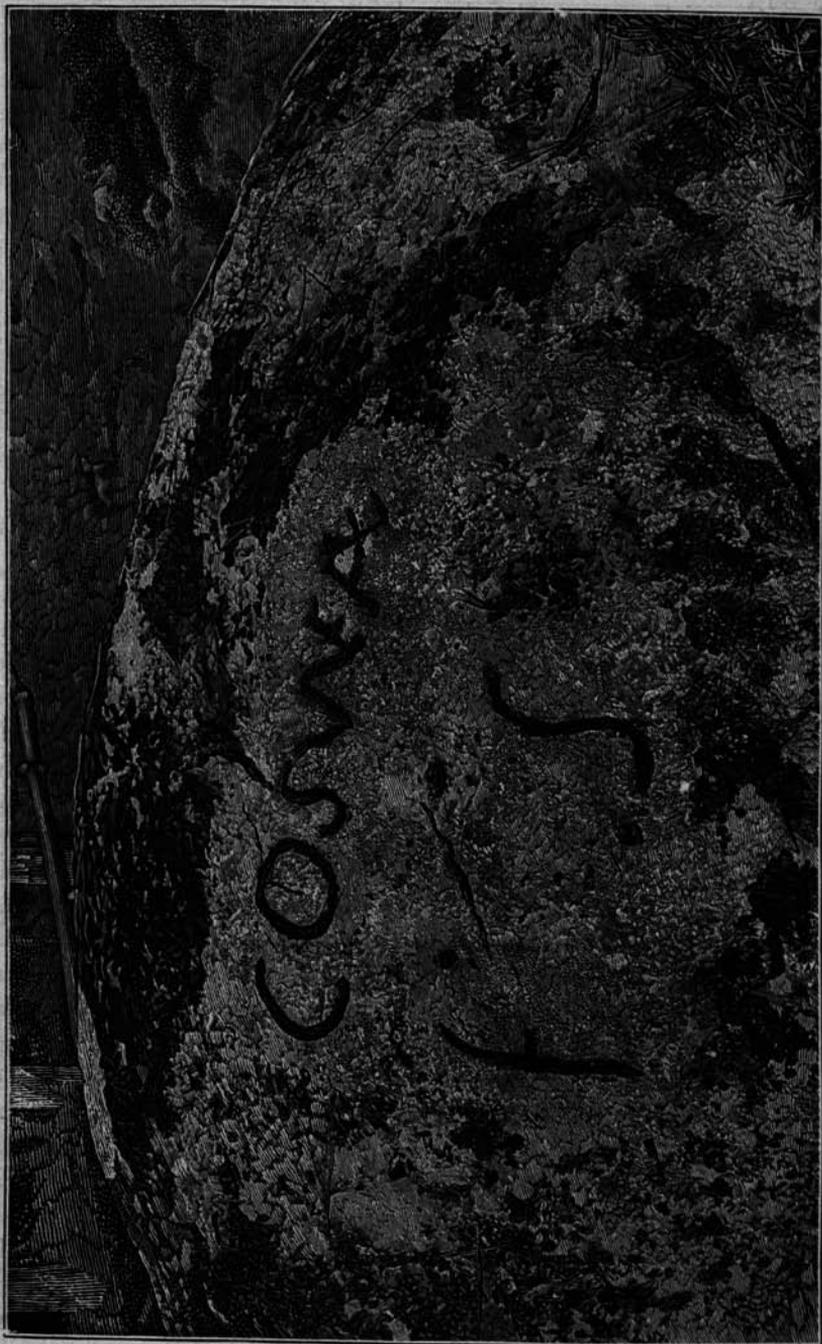
P·S·

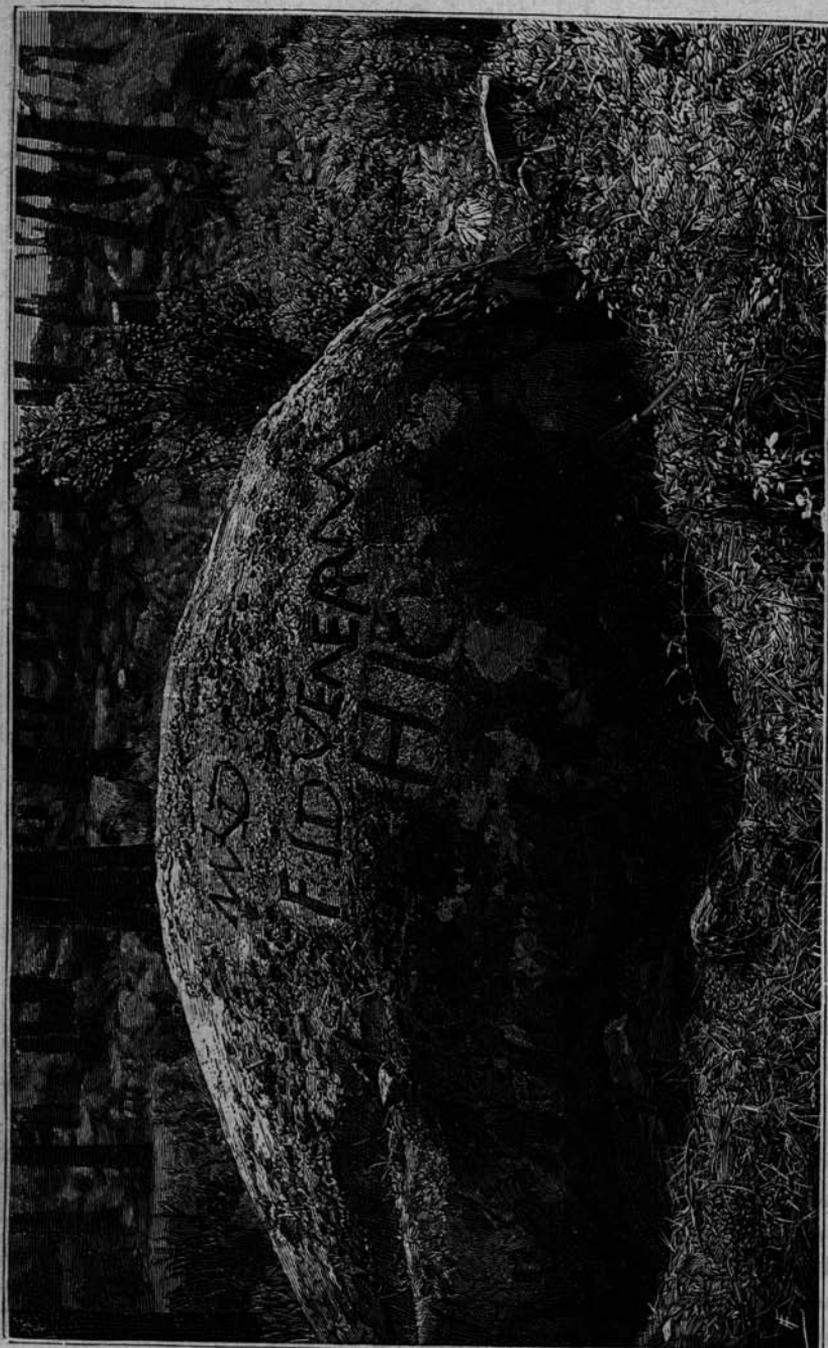
Para a parte do Poente tem outra inscrição, que principia:

FIDV.....HIC

As mais letras não se tirarão pela brevidade com que se examinou.»

As gravuras que *O Archeologo* dá das duas inscrições são tiradas de uma photographia e por isso devem merecer inteira confiança. Não comprehendo a inscrição que volta para nascente. A segunda linha é mesmo illegivel por falta de letras. Na do poente a unica difficuldade está, me parece, na leitura do primeiro nome *Nimimid*, ou *Nimid*? Mas qualquer que seja a fórma da palavra, não póde duvidar-se, creio eu, que ella é a mesma que, por exemplo, o *nemed* = *sacellum* da glosa irlandesa; e, sendo assim, ficamos sabendo que umas divindades, chamadas Fidueneas tinham aqui o seu sanctuario. Esperemos que os linguistas nos dêem alguma luz sobre as funcções d'estas entidades, porque de outro modo é de crer que fiquemos sempre ás escuras. Procurei debalde pelas immediações vestigios de qualquer construcção, sem me admirar muito de os não encontrar, talvez pela preocupação de que o templo das mysteriosas deidades devia ser um verdadeiro *sacrum sylvarum*. Hoje não se vê por alli senão tójo e alguns pinheiros. O terreno, uma bouça, a bouça do *Lagido*, é um pouco pantanoso, não sei se em consequencia das infiltrações da mesma veia de agua, que rebenta, a uns 200 metros de distancia, na bouça da *Chousa*. O borbotão de agua é notavel pelo nome e nada mais: chama-se *Fonte dos Mouros*. No penedo das inscrições estão insculpidas duas cruces. Não me parece que sejam marcas divisorias; tambem não tenho razão alguma para affirmar que fossem alli gravadas para purificar o monumento de qualquer macula pagã.





*

Arnaldo Gama falla de «não poucos poços, faceados de rijissimos tijólos». Ninguém me deu noticia d'elles, o que não quer dizer que ainda não existam. Se eram sepulturas forradas de telha, como supponho, é de crer que não ficassem dentro da povoação propriamente dita, e a este propósito devo dizer que me causou alguma estranheza não encontrar nella fragmento algum de telha com rebordo. Não quer isto dizer que outro a não encontre, mas já a sua raridade é digna de nota numa estação, em que a influencia romana foi indiscutivel.

Alem do achado de moedas romanas, que estiveram em poder do fallecido medico Coelho, de S. Fins, dá-se por certo o de um capacete de ferrò, de que foi possuidor um cavalheiro portuense, tambem já fallecido. As moedas não sei onde param actualmente; o capacete deve considerar-se perdido; eu pelo menos perdi todo o trabalho de o descortinar. É possivel que tivesse apparecido em algum dos «poços» mencionados por Arnaldo Gama.

Encravado na muralha de circumvallação ha um penedo, chamado pelo povo *Penedo da lua*. Affirmaram-me que a denominação lhe vem de um signal gravado, que é a figura da meia lua. O signal está extremamente safado; poucas semelhanças tem com a meia lua, e para mim é mesmo duvidoso se foi traçado pela mão do homem. Desconfio em summa que a verdadeira historia do nome está tão safada, como o signal.

Já fóra das muralhas e em differentes direcções ha outros penedos que teem sua celebridade. Taes são os *Penedos rajados*, o *Penedo do sino* e o *Picoto do pae*. Num dos *Penedos rajados* assenta um lascão de perto de 4 metros em qualquer dos seus diametros e a que facilmente se imprime um movimento de balouço. No mesmo caso está o *penedo do sino*, que não fica a larga distancia d'elle. Penedo e lasca são aqui de menores dimensões, mas o rapazio prefere-o, porque o primeiro oscilla silenciosamente e este dá um som qualquer, quando a extremidade da lasca toca no penedo em que se equilibra. D'aqui o nome do grupo — *penedo do sino*. A nenhuma d'estas pedras oscillantes se ligam tradições mouriscas, e com outras de muito maior importancia que tenho visto acontece o mesmo, o que não deixa de ter sua importancia. O *picoto do pae* fica para poente e a maior distancia das ruinas. Nada tem de singular, a não ser a lenda que se lhe associa, não sei se com boas bullas. A lenda em si é popular em muitas partes. Reza ella que nos tempos antigos, quando os velhos ultrapassavam uma certa idade, os filhos punham-nos num carro e levavam-

nos a um monte deserto, deixando-lhes uma manta e uma broa de pão. O *picoto do pae* seria o sitio escolhido pela gente d'esta região para o abandono dos miserandos macrobios. Sabe-se como acabou a pessima costumeira. Uma vez um dos velhos aconselhou o filho a que lhe deixasse só metade da manta e levasse a outra metade, para quando chegasse o seu turno. Perguntou-lhe o moço, muito admirado, se tambem havia de vir morrer no monte: «Pois então?! até aqui trouxe eu meu pae; tu trouxeste-me a mim, e teu filho ha de te trazer a ti». O filho apressou-se a repor o velho no carro; voltou com elle para casa, e o seu exemplo começou a ser geralmente seguido.

Guimarães, Março de 1895.

F. MARTINS SARMENTO.

Indicações bibliographicas

Como o *Archeologo Português* não é só para sabios, mas tambem para aquelles que, começando agora a dedicar-se aos varios ramos das sciencias archeologicas, tem bons e sinceros desejos de se instruir nellas, abrimos esta secção, com o fim de recommendar aos leitores, que d'isso necessitarem, algumas publicações uteis ou indispensaveis.

*

Dictionnaire des antiquités romaines et grecques, par Anthony Rich, traducção do inglês. Paris, livraria de Firmin Didot. Não sei ao certo o preço, mas o livro não poderá custar mais de 3\$000 réis.

Este manual de archeologia classica é muito commodo e proveitoso: contém numerosas estampas, e, não obstante haver outras obras mais desenvolvidas e mais modernas, ministra geralmente boa e auctorizada doutrina. Não póde faltar na estante do amator archeologico.

*

La arqueologia en España [y Portugal], pelo Sr. Emilio Hübner. Barcelona 1888. Tambem não sei o preço, mas não deve custar mais de 1\$500 réis.

Este livro, devido á penna de um erudito tão distincto, e tão conhecedor das antiguidades da Peninsula Iberica, presta grande serviço não só aos principiantes mas a todos os que se dedicam á nossa archeologia. Como está escrito em hespanhol, a sua leitura é accessivel ao commum dos portugueses. Divide-se em cinco capitulos: